



1904 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)  
Eixo Temático 10 - Ensino Fundamental

#### MEMÓRIAS DE LEITURA DOCENTE: A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE E A CONTRIBUIÇÃO À PRÁTICA EDUCATIVA

Carla Roberta Sasset Zanette - UCS - Universidade de Caxias do Sul

**RESUMO:** O presente artigo tem o entendimento de que a constituição da identidade leitora de docentes pressupõe a existência de experiências significativas relacionadas à leitura. Os dados empíricos que possibilitaram a construção desse pressuposto são decorrentes de uma pesquisa-ação (FRANCO, 2012) realizada com docentes de ensino fundamental de uma escola pública de Caxias do Sul. Para tanto, são delineados três objetivos a serem alcançados: a) identificar as memórias de leitura narradas pelos docentes; b) analisar as experiências de leitura como constituidoras de identidade e de formação docente; c) compreender as contribuições das experiências leitoras dos docentes na ação educativa. As teorias que alicerçam esta pesquisa fundamentam-se, essencialmente em Dewey (1979), Freire (2006), Bondía (2002), entre outros autores. A pesquisa baseou-se na análise de cinco textos, denominados memórias de leitura, os quais foram registrados pelos docentes, na modalidade escrita, sob a forma de narrativa. Com base nos resultados obtidos, a partir da análise, foi possível elencar categorias que possam servir de indicadores de experiências significativas que interferem na formação de um docente leitor, bem como suas implicações na prática educativa.

#### MEMÓRIAS DE LEITURA DOCENTE: A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE E A CONTRIBUIÇÃO À PRÁTICA EDUCATIVA

**RESUMO:** O presente artigo tem o entendimento de que a constituição da identidade leitora de docentes pressupõe a existência de experiências significativas relacionadas à leitura. Os dados empíricos que possibilitaram a construção desse pressuposto são decorrentes de uma pesquisa-ação (FRANCO, 2012) realizada com docentes de ensino fundamental de uma escola pública de Caxias do Sul. Para tanto, são delineados três objetivos a serem alcançados: a) identificar as memórias de leitura narradas pelos docentes; b) analisar as experiências de leitura como constituidoras de identidade e de formação docente; c) compreender as contribuições das experiências leitoras dos docentes na ação educativa. As teorias que alicerçam esta pesquisa fundamentam-se, essencialmente em Dewey (1979), Freire (2006), Bondía (2002), entre outros autores. A pesquisa baseou-se na análise de cinco textos, denominados memórias de leitura, os quais foram registrados pelos docentes, na modalidade escrita, sob a forma de narrativa. Com base nos resultados obtidos, a partir da análise, foi possível elencar categorias que possam servir de indicadores de experiências significativas que interferem na formação de um docente leitor, bem como suas implicações na prática educativa.

**Palavras-chave:** Prática Educativa. Memórias. Leitura. Docente.

### 1 INTRODUÇÃO

Mergulhar no mundo de memórias é, por si só, motivo de encontros com lembranças que revelam e retratam experiências e histórias de vida, nem sempre tão boas, mas que são constituintes da formação do ser humano.

De fato, são emoções, sentimentos, recordações, experiências, acontecimentos vividos e imaginados que se cruzam e dão sentido às histórias de vidas. São singularidades que se borram numa mistura de sensibilidade, de imaginação, de abertura para o diálogo e para a escuta de si mesmo e do outro. Heidegger (2006, p. 118) adverte que buscar a memória representa "o pensar concentrado da lembrança do que cabe pensar, é a fonte da poesia". Dito de outro modo, são lembranças inusitadas que dialogam com o cotidiano, percebendo-o com os olhos da vivência e da imaginação, levando-nos a compreensões mais profundas sobre nós mesmos, os outros e o mundo.

Sob esse ângulo, pensar memórias de leitura de docentes significa compreender um pouco as histórias que os constituem. É permitir que aqueles que formam leitores tenham vez e voz de rememorar suas vivências com o mundo das leituras, tornando-se, assim, sujeito de suas lembranças. Já dizia Ricouer (2007, p. 107), "ao lembrar algo alguém se lembra de si".

Nessa linha de pensamento, este estudo propõe-se a alcançar os seguintes objetivos: a) identificar as memórias de leitura narradas pelos docentes que atuam no Ensino Fundamental no município de Caxias do Sul, dando ênfase ao processo de rememoração do professor articulado às suas experiências de leitura; b) analisar as experiências de leitura como constituidoras de identidade e de formação docente; e c) compreender as contribuições das experiências leitoras docentes na prática educativa.

### 2 MEMÓRIAS DOCENTES: UM RESGATE À IDENTIDADE LEITORA

Em se tratando de memórias de leitura docentes, podemos pensar no percurso de constituição da identidade dos educadores e as respectivas contribuições na formação de novos leitores. As memórias podem ser, metaforicamente, compreendidas como uma rede de histórias, que rememoradas e tecidas, passam a ser resgatadas e bordadas com novas cores, formas, sabores e cheiros, as quais são costuradas e ressignificadas no cotidiano escolar no encontro e no diálogo com os discentes.

Dada a relevância do resgate de memórias recheadas de experiências no contexto docente, encontramos em Dewey (1979, p.17) a definição de educação como “o processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras”. Estar vivo é experimentar, é interagir, é educar-se; por conseguinte, não há separação entre memórias, experiência e aprendizagem.

Nesse viés, concebemos a interlocução dos docentes com suas memórias de leitura uma possibilidade de estabelecer encontros com histórias e vivências pessoais, cuja constituição repercute em sua ação educativa, mais especificamente, na formação leitora de seus alunos.

Dito isso, encontramos em Freire (2006) a evocação da memória dos tempos de sua infância, ao contar suas lembranças e experiências com a leitura do mundo e da palavra, assim rememoradas:

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal intimidade entre nós – à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos que me preparavam para riscos e aventuras maiores. A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros - o do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá -, na dança das copas das árvores soprando por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos, as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores – das rosas, dos jasmims -, no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada verde, o verde da manga-espada inchada, o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto ... Daquele contexto faziam parte igualmente os animais: os gatos da família, a sua maneira manhosa de enroscar-se nas pernas da gente, o seu miado, de suplicia ou de raiva; Joli, o velho cachorro negro de meu pai, o seu mau humor toda a vez que um dos gatos incautamente se aproximava demasiado do lugar em que se achava comendo e era – “estado” – desportivamente perseguia, acuava e matava um dos muitos tímibus responsáveis s pelo sumiço de gordas galinhas de minha avó (FREIRE, 2006; p. 12-13, grifos do autor).

Considerando a citação de Freire, é possível pensar que sua identidade como educador foi alicerçada nas memórias que o constituíram, as quais fundamentaram suas concepções, bem como suas reflexões pessoais e profissionais.

## **2.1 Memórias de leitura: por entre singularidades docentes e práticas sociais educativas**

Carregadas de subjetividade, as memórias representam narrativas de sujeitos que passam a ser protagonistas de suas lembranças: o eu que lembra e o eu que conta/escreve, num diálogo de diferentes espaços e tempos.

Além de resgatarem a identidade do homem e o sentimento de pertencimento a um grupo familiar, a uma cultura, a uma sociedade, as memórias retratam um patrimônio cultural carregado de valor histórico. Essa reconstrução do homem e do mundo materializa-se via linguagem, seja oral, seja escrita.

Por certo, a linguagem constitui a nossa identidade como seres humanos e socioculturais, permitindo que sejam construídos sentidos, por meio de nossas interações. Segundo Bondía (2002), é a língua que nos permite ter a possibilidade de interação verbal, e é por meio dela (a língua) que marcamos nossa existência, tornando-nos sujeitos de nossa experiência.

No âmbito desta investigação, leitura é entendida não apenas como decodificação de códigos, mas como produção de sentido, que se concretiza por meio da interação de pessoas e experiências.

Consoante Freire (2006), a leitura é um processo dinâmico imbricado de experiências significativas vivenciadas pelo ser humano. É na e pela leitura que o homem se torna consciente de sua prática, resignificando a si e ao mundo que o cerca.

Na perspectiva de leitura como constituição de sentido, Manguel (1997) assevera que

é o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significados a um sistema de signos e depois decifrá-lo. Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial”. (MANGUEL, 1997, p. 19-20)

Dito isso, consideramos necessário, neste momento, trazer alguns apontamentos, mesmo que sucintos, sobre o processo de construção da memória do ser humano.

## **2.2 Afinal, o que permanece na memória?**

Felizmente, nem tudo que experimentamos, vivenciamos, imaginamos, fica gravado em nossa memória. Se assim fosse, não teríamos a chance do esquecimento, que, por sua vez, é um processo mental atrelado à memória.

A construção da memória implica um processo de seleção daquilo que faz sentido ao sujeito. Desse modo, só fica gravado na memória o que, de alguma forma, relaciona-se significativamente com a subjetividade. Consoante Bondía (2002, p. 21) “É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma.

O sujeito, ao evocar memórias, não apenas está recuperando informações, ou recordando fatos, acontecimentos, mas atribuindo um novo sentido a cada lembrança, em cada memória, novas relações de sentido são construídas.

No processo de resgate às memórias, há resignificação de tudo que é lembrado. Dito de outro modo, o “eu” que rememora não é o mesmo “eu” que vivenciou, uma vez que são estabelecidas novas relações de significação que se entrecruzam entre o momento atual e o passado. Assim, o sujeito que recorda, no espaço do aqui e no tempo do agora, não é o mesmo que passou pela experiência em circunstâncias anteriores.

Nesse sentido, prosseguimos, apresentando algumas experiências que mais marcaram os docentes em suas trajetórias com o universo da leitura, originadas a partir de memórias por eles narradas. Na sequência, tentamos agrupar os tópicos das memórias que se aproximam, sintetizando e elencando categorias comuns.

### 3 OS FIOS DA MEMÓRIA: O PROCESSO DE AUTORIA NA VOZ DO DOCENTE

Na intenção de transpor a memória oral para a escrita, com vistas a preservar as lembranças, valemo-nos do pensamento de Platão, no diálogo *Fedro*, ao asseverar que

Os melhores discursos escritos são os que servem para acordar as lembranças dos conhecedores; só as palavras pronunciadas com o fim de instruir, e que de fato se gravam na alma sobre o que é justo, belo e bom, somente nelas se encontra uma força eficaz, perfeita e digna de empregarmos nelas os nossos esforços (...) (PLATÃO, 1996, p. 182).

De fato, as memórias de leituras registradas, ao mesmo tempo que “acordam lembranças”, dão autoria aos professores, num processo de resgate identitário e de reconhecimento social.

Para a consecução dessa proposta investigativa, utilizamos a pesquisa-ação, a partir dos pressupostos teóricos desenvolvidos por Franco (2012). Segundo a autora (2012), os sujeitos envolvidos na ação investigativa devem ser compreendidos como participantes e protagonistas, cujos saberes entrelaçam teoria e prática, articulados às experiências individuais e às significações coletivas, originando novos saberes. Pois bem, passamos a uma breve contextualização dos envolvidos neste estudo.

Os docentes que participaram desta pesquisa pertencem a uma escola pública municipal de Caxias do Sul, que atende, aproximadamente, 450 estudantes, do primeiro ao nono ano (anos iniciais e finais). Participaram deste estudo cinco professoras, cujos critérios de seleção foram a disponibilidade e a abertura ao diálogo com que essas demonstraram à pesquisadora, aceitando, de imediato, o convite para participarem desta investigação, registrando suas memórias de leitura. Assim, formou-se um *corpus* de cinco narrativas produzidas, na modalidade escrita.

Interessante destacar que os sujeitos envolvidos nesta pesquisa pertencem ao universo feminino. Das cinco professoras, duas atuam nos anos iniciais (1º ao 5º ano), e três nos anos finais (6º ao 9º ano). Suas idades variam de 39 a 60 anos; e o tempo de atuação na docência corresponde de 15 a 39 anos.

Assim, esboçamos, no quadro abaixo, dados que revelam o perfil de cada um dos professores envolvidos nesta pesquisa. Por uma questão de preservação do anonimato, optamos por não divulgar o nome da escola e dos professores participantes desta pesquisa, os quais, doravante, serão assim denominados P1, P2, P3, P4, P5.

Professor	Idade	Formação	Níveis/Modalidades em que atua	Tempo de atuação na docência
P1	39	Magistério e Letras-Língua Inglesa	Anos iniciais-1º ao 5º ano- Ensino Fundamental	15 anos
P2	44	História	Anos Finais- 6º ao 9º ano – Ensino Fundamental	21 anos
P3	45	Matemática	Anos Finais- 6º ao 9º ano – Ensino Fundamental	26 anos
P4	58	Letras- Língua Inglesa	Anos Finais- 6º ao 9º ano – Ensino Fundamental	16 anos
P5	60	Pedagogia	Anos iniciais-1º ao 5º ano- Ensino Fundamental	39 anos

Fonte: elaborado pela autora.

Em contato com as professoras na escola, inicialmente, elas foram provocadas a refletirem sobre suas experiências com a leitura, buscando um resgate interior, desde os tempos de infância, das lembranças que lhe marcaram e as que ainda guardam na memória. A seguir, foi solicitado que registrassem, por escrito, suas histórias, cujas produções foram realizadas, em suas respectivas casas, em um ambiente mais informal àquele do espaço escolar, no período de aproximadamente 15 dias, conforme disponibilidade de cada professora.

Durante conversa com as participantes, percebemos que essas se sentiam mais motivadas e confortáveis em realizar suas produções no caderno, escrevendo com o próprio punho. De fato, três professoras escreveram manualmente; duas digitaram e enviaram por *e-mail*. Chamou-nos atenção a seguinte situação: quem escreveu seu texto à mão não o entregou em folha impressa, optando por enviá-lo, no formato de imagem (fotografia), via *whatsapp*. Essa constatação levou-nos a pensar nas produções escritas e seus respectivos suportes digitais no meio educacional, mas isso é objeto de estudo para uma outra investigação.

#### 3.1 Os resultados: narrativas que se entrelaçam em singularidades e ações docentes

Prosseguimos apresentando algumas experiências que mais marcaram os docentes em suas trajetórias com o universo da leitura, originadas a partir das memórias por eles narradas, salientando que cada produção foi tratada em seus aspectos mais pontuais relacionados às lembranças de leitura, com observações e análises condizentes às memórias descritas.

##### 3.1.1 Memórias de leitura de P1

As memórias de leitura elaboradas pela P1 retratam suas experiências com o letramento em momento pré-escolar, recordando pessoas da família, nas figuras do pai, da mãe e do irmão.

De repente, me vi em cima da caixa de lenha que tínhamos ao lado da porta de entrada, lendo pausadamente o que estava escrito no calendário que ficava próximo ao chaveiro feito pelo meu irmão. (P1)

Percebemos que a P1 lembra de sua infância humilde, o que não a impediu de ter contato com livros, que eram de fácil alcance e expostos “numa estante de madeira pintada de azul” feita pelo seu pai como presente para sua mãe. A docente revela: “Levávamos uma vida simples, não tínhamos carro, nem telefone e por muito tempo nem televisão. Mas tínhamos livros! Muitos!...”

Destacamos a forte influência da mãe no incentivo à leitura. É a figura da mãe que se torna mais significativa nas memórias da professora. A mãe era “consumidora basicamente de fotonovelas, que escondia no guarda-roupa e daqueles romances açucarados que contam todos a mesma história”. Era a mãe que, à noite, contava histórias repletas de emoção para seus filhos. Como afirma a P1: “Na hora de dormir, nos aboletávamos na cama dos nossos pais para ouvir minha mãe contar uma história.”

O pai não lia livros, mas também gostava de contar histórias para os filhos pequenos, histórias essas que ele repetia para seus netos muito anos depois.

De acordo com a professora, em sua infância, a leitura dos livros era para deleite, como contos de fadas, fábulas.

Os mais lindos e coloridos livros de histórias! Reino Colorido da criança era o nome de uma das coleções, que tinha contos de fadas e fábulas ricamente ilustrados e até um volume que era composto de minidiscos de vinil; pena que não tínhamos onde escutar.

Mas as leituras também versavam sobre instrução, na realização dos trabalhos escolares, em receitas, em pesquisas para Feiras de Ciências, e em leituras religiosas, como a Bíblia. Ou seja, experiências com leitura não faltaram à professora, que foi crescendo em meio a essa diversidade literária.

Com muito orgulho, a professora revela que, foi durante sua infância que adquiriu sua “carteirinha de sócia do Sesi, local onde ia frequentemente com sua mãe e, desde então, leu

Muitos e muitos livros, gibis, bula de remédio e até o dicionário. Entre os autores que li estão Érico Veríssimo, Fernando Sabino, Sidney Sheldon, Stephen King. Durante os anos do Ensino Fundamental, li toda, ou quase toda, a coleção Vagalume que tinha na biblioteca da escola.

Ao ingressar no magistério, lembra de sua professora, que contava histórias para seus alunos.

Nessa linha de pensamento, Ramos (2010, p. 25) explica que:

[...] é fundamental que haja um mediador para ajudar o aluno a ingressar no universo simbólico do texto e a interagir com as linguagens presentes na obra. Afinal, na maioria das vezes, esse leitor não tem contato com o universo da palavra simbólica.

Enfim, pelo depoimento da professora participante, duas mulheres foram decisivas na mediação de leitura: a mãe e a professora. Assim, finaliza suas memórias dizendo: “cá estou eu contando histórias para meus alunos, para meus filhos, levando-os à Feira do Livro, a diferentes bibliotecas, indicando livros e lendo alguns que eles escolhem e compartilham comigo.” Por certo, suas experiências com o universo da leitura repercutem, direta e indiretamente, em sua ação docente.

### 3.1.2 Memórias de leitura de P2

As lembranças tecidas pela P2 são descritas como “cheias de afeto”, pois recorda dos pais, que, embora muito humildes, sempre “deram muita importância ao estudo, às coisas essenciais, tais como: contar histórias, tomar a tabuada, e fazer os temas juntos aos filhos.”

Percebemos que a professora, ao lembrar de leitura, a associa “ao estudo realizado, mas, no decorrer de sua história, vai lembrando do contato com obras literárias que teve em sua infância.

O ápice do contato com a leitura foi no período da alfabetização, devido ao seu encantamento com a professora e com a biblioteca da escola. Segundo seu depoimento, “A professora que alfabetizava lia histórias e cantava trechos.” “A biblioteca era um lugar que me encantava, eu queria conhecer todas aquelas histórias”. (P2).

Com os livros que retirava na biblioteca, ela lia para sua mãe, à noite antes de dormir, e, assim, se “sentia muito importante e adorava ler em voz alta.” A docente lembra de alguns livros que fizeram parte de sua infância, dos quais nunca esqueceu. São estes: Lunalva, A Vaca Voadora, Os Irmãos Grimm, O Jardim dos Esquecidos.

A professora revela que sentiu muito medo quando teve de trocar de escola, pois onde estudava só tinha até a quinta série, porém o que a ajudou a se sentir segura foi conhecer a biblioteca da nova escola, quer era “muito maior e tinha mais livros”. Conforme relato da professora, a biblioteca serviu de apoio para sua segurança emocional; os livros passaram a ser seus amigos, como ela própria afirma: “Como eu era tímida, preferia ficar lendo, inclusive no recreio.”

Devido a essa leitura constante, P2 tornou-se fluente e passou a ler os livros “mais rápido e em menos tempo”. Fato esse que possibilitou tornar-se uma leitora-referência, como ela afirma:

Logo fiquei conhecida na escola como a aluna que vivia na biblioteca. Os colegas começaram a me pedir dicas de bons livros. Pede para fulana, ela já deve ter lido (P2).

A professora conclui que a leitura, que se iniciou na infância motivada pela existência de bibliotecas escolares, e a acompanha na vida adulta, marcou- a positivamente em sua vida, determinando sua formação humana e profissional.

### 3.1.3 Memórias de leitura de P3

Muitas foram as lembranças de leitura recordadas pela professora, porém as que mais vieram à sua mente, foram as histórias contadas pela avó, rememoradas em situações de singelo amor e simplicidade. Afirma a docente:

Lembro que eu não gostava de comer carne, aí para eu comer, minha avó contava histórias do Sanguanel, do Homem do Saco e outras mais. Eram todas histórias que lembravam assombração ou peripécias (P3).

O fato é que essas histórias mexeram com a imaginação de criança e, enquanto a avó contava, a menina comia “bifes suculentos, feitas na chapa do fogão à lenha, junto a uma fatia de pão caseiro e uma xícara de café com leite.” (P3).

As sensações apontadas e descritas pela professora recordam sua infância permeada de “cheiros, sabores, cores”. Foi na casa da avó que teve contato com gibis, os quais adorava ler as imagens, pois ainda não sabia ler. Cada tira em quadrinho era interpretada a seu modo, várias e várias vezes. Cada vez que olhava o gibi, uma nova história se formava.

Em sua infância, apenas um livro vem à sua memória, cujo título é vagamente lembrado como “As três irmãs”. “O que lembro é a imagem de uma capa amarela com a ilustração de três irmãs”. (P3). Assim, foram as histórias orais, de cultura popular, contadas pela avó que ficaram como memórias leituras dessa professora.

P3 conta que, em suas aulas, sempre realiza um trabalho para que seus alunos possam resgatar histórias com seus avós, “acho importante que eles conversem com seus avós, conheçam as histórias de antigamente e, assim, preservem a sabedoria e a cultura popular, as tradições que são transmitidas de geração em geração.”

Notamos que, para P3, as memórias de leitura estão ligadas à identidade de um povo, à preservação histórico-cultural dos homens.

### 3.1.4 Memórias de leitura de P4

Ao lermos as memórias da P4, encontramos saliente uma experiência com a leitura que lhe marcou negativamente pelo trauma causado, quando, na ‘4ª série’, a professora pediu que lessem *Iracema* e realizassem a ficha de leitura sobre a obra. Consoante a docente, “a partir daquela data me distanciei ainda mais de livros literários.” (P4).

Para P4, as experiências com leitura, na infância, foram mais voltadas para fins didáticos. Apenas na vida adulta descobriu a leitura por fruição, a qual, desde então, pratica com seus alunos durante as aulas.

Nesse sentido, percebemos o quanto uma experiência com leitura constitui a identidade do sujeito, deixando-lhe marcas, sejam positivas ou não. No caso da P4, o trauma gerado na infância é recordado até os dias atuais.

### 3.1.5 Memórias de leitura de P5

O título do texto da P5 denomina-se *A arte de gostar de ler*. Aqui já se observa o conceito que a professora tem de leitura: uma arte. De fato, ler é uma arte que envolve expressão, emoção, envolvimento, entre outros aspectos.

A professora, que, por sinal, completou trinta e nove anos de magistério, faz uma viagem no tempo, recordando sua infância, na escola, quando aprendeu a ler com a cartilha *Faísca e Fumaça*. Relata que “Naquela época o estímulo à leitura vinha dos professores, que insistiam para que as crianças lessem e contassem as histórias para os colegas.”

O fato de contar as histórias para os colegas, provocou o gosto pelo magistério e o prazer em “levar a leitura para a sala de aula”. A professora conta que a leitura para seus alunos era motivada na hora do conto, no cantinho da leitura, em que os alunos contavam as histórias lidas para os colegas.

Desse modo, Colomer (2007), em seus estudos sobre leitura, entende que

A competência literária dos alunos melhorava se os professores organizavam um contexto de trabalho em que ocorriam as seguintes situações: projetos ou unidades prolongados de trabalho, leitura em várias ocasiões a cada dia, releitura das obras, atividades de resposta criativa, um tempo de leitura individual, estímulo às recomendações mútuas, um bom acervo de livros e intervenções do professor, com perguntas e comentários que estimulavam tanto a prestar atenção aos detalhes e sentimentos suscitados, como a observar e apreciar as obras, de modo que as interpretações fluíssem entre as crianças. (COLOMER, 2007, P. 116).

Com base nesse relato, observamos que P5 tem atitudes semelhantes àquelas de sua professora alfabetizadora. Isso leva a pensar que o exemplo pode influenciar na mediação de estratégias para o trabalho com leitura.

A partir da observação e da análise das memórias de leitura produzidas pelos professores, elaboramos um quadro que elenca categorias referentes às lembranças mais significativas de cada participante, as quais podem servir de indicadores contribuir para discussões acerca de políticas públicas voltadas ao processo de formação de professores-leitores.

## 3.2 Categorias que emergiram a partir das memórias de leitura dos docentes

Professor	Fatores/aspectos que constituem a memória de leitura dos docentes
P1	<ul style="list-style-type: none"><li>- presença de figuras femininas: leituras realizadas pela mãe e pela professora;</li><li>- acesso a outras bibliotecas, não só a da escola; idas a Feiras do Livro – ações além do espaço escolar;</li><li>- incentivo à formação de alunos leitores em sua prática docente.</li><li>- espaço da biblioteca escolar (atraente e com muitos livros);</li><li>- lembrança da leitura realizada pela professora alfabetizadora;</li></ul>
P2	<ul style="list-style-type: none"><li>- leitura para superar timidez e a solidão;</li><li>- leitura como constituidora de sua formação pessoal e profissional.</li><li>- presença da avó na contação de histórias (lendas, contos)</li></ul>
P3	<ul style="list-style-type: none"><li>- resgate cultural da sabedoria popular pela oralidade;</li><li>- valorização da oralidade na atuação em sala de aula.</li><li>- frustrações e rupturas com experiências de leitura também auxiliam nas escolhas, na superação e na formação de um leitor;</li></ul>
P4	<ul style="list-style-type: none"><li>- descoberta da leitura por fruição e sua aplicação na ação docente.</li></ul>

- em sua atuação como docente, passou a adotar posturas leitoras muito próximas as que vivenciou na posição de discente, ou seja, as experiências com a leitura vivenciadas foram assumidas, posteriormente, em sua profissão;

P5

- uso de estratégias metodológicas em sala de aula envolvendo leitura (alunos lendo e contando histórias para os colegas, com os colegas) pode contribuir na formação de leitores.

Fonte: elaborado pela autora.

Com base nos aspectos que mais influenciaram a constituição da identidade docente e as possíveis contribuições de suas experiências leitoras na atuação escolar, elegemos duas categorias comuns que sintetizam e permeiam as narrativas dos docentes: a) a presença de uma leitora feminina, representada pela mãe, avó ou professora, interfere significativamente na formação pessoal e profissional do docente; b) as experiências significativas de leitura vivenciadas na escola tendem a ser assumidas pelo docente no exercício de sua prática pedagógica.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a reflexão e a escrita de memórias possibilitam ao docente ser autor de sua própria experiência com a leitura. Isso se evidencia, como diz Bondía (2002), por meio da abertura, da paciência, da receptividade da atenção ao diálogo consigo mesmo e com o outro, pelo registro das lembranças carregadas de sentido por quem as escreve.

Ao elencar, de modo sintético, os aspectos que mais tocaram os docentes no que diz respeito às suas experiências leitoras, percebemos que os retratos de memórias narrados representam o percurso de formação e constituição do docente, tanto no que diz respeito à sua identidade, única e singular, quanto à sua formação profissional, no exercício de sua prática educativa.

Após apresentar as memórias mais significativas apontadas pelos docentes, com suas respectivas análises e sínteses categóricas, pensamos ter alcançado aos objetivos propostos nesta investigação. Ou seja, entendemos que a constituição da docência leitora passa pelas experiências significativas vivenciadas, fundando-se em sua identidade pessoal e profissional. Assim, os professores que têm histórias de leitura incorporadas às suas existências tendem a considerar essencial, em suas práxis, a formação leitora do aluno.

Nesse sentido, esperamos que o estudo ora proposto, embora corresponda a uma amostra local, possa representar indicadores capazes de contribuir na constituição da identidade do docente-leitor, bem como nas práticas educativas voltadas à formação de alunos leitores.

#### 5 REFERÊNCIAS

BONDIA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp. 20-28.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

DEWEY, John. *Vida e Educação*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2006.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Pedagogia e prática docente*. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. em três artigos que se completam. 48 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PESSOA, Fernando. *Poesias*. 15ª ed Lisboa: Ática, 1995.

PLATÃO. *Diálogos I - Menon-Banquete-Fedro*. Trad. Jorge Paleikat. 19ªed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.